

O LIVRO PARA INFÂNCIA COMO ALIADO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

Náthaly Guilhoto Salazar - A Casa Tombada: Lugar de Arte, Cultura e Educação
Miriam dos Santos Silva Lima - Faculdade Social da Bahia
Telma Maria Almeida dos Reis - Universidade Estadual da Bahia

RESUMO

O presente trabalho se refere à pesquisa realizada com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental anos iniciais, em uma escola privada, localizada na Zona Oeste de São Paulo. A pesquisa foi realizada e documentada, no ano de 2022, pela professora alfabetizadora regente através das próprias vivências como docente, bem como as experiências promovidas pelo curso de pós-graduação “O Livro para Infância, processos contemporâneos de criação, circulação e mediação” n’A Casa Tombada e está disponível na biblioteca da mesma, nomeado “*Mediações de leitura em sala de aula e o livro ilustrado como aliado: Relatos de experiências de uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental*”. O objetivo principal da pesquisa foi desenvolver situações didáticas que visassem despertar o interesse das crianças pela leitura e escrita, fazendo uso do livro literário. As estratégias didáticas empregadas para o trabalho foram permeadas pela construção de sentido e afeto do universo literário no cotidiano escolar. Com base nas informações coletadas foi possível observar o quanto a relação afetiva entre professor e aluno contribui significativamente na formação leitora das crianças e no desenvolvimento dos comportamentos leitores e escritores que se constituem pela interação com as histórias literárias apropriadas à cognição delas, como o livro ilustrado enquanto instrumento potente de desenvolvimento das habilidades e constituição do sujeito leitor. Para se apoiar metodologicamente este trabalho está ancorado pela perspectiva construtivista psicogenética e pelas pesquisas desenvolvidas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, de modo que esta é uma pesquisa Qualitativa Descritiva.

Palavras-chave: Perspectiva construtivista psicogenética. Alfabetização. Literatura.

INTRODUÇÃO

“Foi dona Iva - não sei se ela ainda vive - quem me ensinou que ler pode ser delicioso como patinar. Ela lia para nós. Não era para aprender nada. Não havia provas sobre os livros lidos. Ela lia para que tivéssemos o prazer dos livros. Era pura alegria. Poliana, Heidi, Viagem ao céu, O saci. Ninguém falava, ninguém piscava. A voz de dona Iva nos introduziu num mundo encantado. O tempo passava

rápido demais. Era com tristeza que víamos a professora fechar o livro.” (Alves, 2007, p.61)

Esta pesquisa nasce do desejo do conflito de uma professora ao lidar com o pueril desencanto das crianças por leitura de livros literários, se desafiou a introduzir nas suas rotinas e práticas pedagógicas cotidianas, situações diversas em que o livro de literário para crianças estivesse presente em quase todas as atividades.

Atuando de forma lúdica e encantadora, em práticas permeadas de afeto e cuidado com a escuta ativa, a professora foi construindo ações que geraram dados de estudos com a turma em questão. O objetivo também era entender como um professor pode atuar de maneira que ele próprio seja modelo positivo para seus alunos, de alguém que valoriza os livros. Que o leitor, a leitora tem valor e não somente o que está publicado.

A escrita desse trabalho N’a Casa Tombada na perspectiva de tentar descobrir as respostas para essa pergunta e, quem sabe, por meio disso multiplicar essas ações, para que cada vez mais existam “donas Ivas” para que cada criança possa ter a sua própria lembrança afetiva dos livros e se tornarem cidadãos leitores.

Assim, à medida que o trabalho com os livros literários ia acontecendo na sala de aula, as observações e registros eram realizados com o propósito de mapear e qualificar as consequências das ações planejadas de leitura, em todos e por todos da escola.

Este trabalho se torna relevante ao vislumbrar formas de acolher, dialogar e servir de apoio para professores, educadores e responsáveis por crianças de diferentes idades e contribuir na formação leitora dessas crianças. A literatura pode ser uma forte aliada e facilitadora da aprendizagem quando utilizada de forma cuidadosamente planejada, para que não se confunda com um livro didático.

Outrossim, o livro ilustrado tem um grande potencial a ser explorado no processo de formação de leitores, ele convida o leitor a se aproximar, por meio da materialidade ele chama a atenção das crianças e adultos, desperta os sentidos com seus diferentes tamanhos, formatos e texturas e a partir desse convite ao toque, inicia-se uma experiência complexa e sensorial. É uma leitura que começa nas pontas dos dedos, o leitor precisa se atentar a cada detalhe, desde a textura do papel, o ângulo que o livro precisa ser explorado, a forma como as ilustrações foram feitas, as escolhas das cores, as cenas apresentadas e as palavras escritas.

Como assinala Carranza (2013, p. 157):

“O leitor de literatura não é um “reconhecedor” de sentidos, é um criador, um inventor; alguém que se deixa surpreender pelo imprevisível, pelo inesperado. Leitor-rinoceronte, ela também, a criança; e leitor-rinoceronte, ele também, o professor. Professor-rinoceronte que investe contra o senso comum, e, diante de seus alunos, tem a possibilidade de explorar os meandros, as dobras da linguagem monstro. A experiência estética como uma das formas radicais de liberdade.”

METODOLOGIA

Este artigo teve como base as observações e documentações pedagógicas coletadas por uma das autoras através de uma pesquisa ativa para o seu Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação, publicado em 2022 pela Instituição *A Casa Tombada*. Os dados coletados no Trabalho de Conclusão foram analisados, discutidos e reorganizados pelos membros do grupo neste texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No trabalho de Leitura em voz alta realizado em sala de aula pela professora, a mesma opta assertivamente pela mediação afetiva¹. No decorrer do seu relato percebe-se que o vínculo entre ela e as crianças se fortaleceu e à medida que o ano avançou este vínculo se desenvolveu também entre as crianças. Foi possível observar que as crianças não ficavam mais dispersas e passaram a se comprometer com a escuta das histórias.

Ao planejar essas situações didáticas, a professora ressalta a importância de considerar quem é o sujeito da escuta, ou seja, quem é essa criança, em que contextos essa escuta ocorreu, de que forma se relacionou com a leitura em outras experiências e que vínculos foram criados. Também enfatiza como percebeu suas próprias aprendizagens durante o percurso com cada turma e ressalta a fala de Simone Weil² quando diz que “A atenção é uma alta forma de generosidade”³ e que nos é ofertada à medida que ofertamos também.

¹ Afetiva: Que tem ou denota afeição: afetuoso.

² Simone Adolphine Weil (1909 - 1943): Escritora, mística e filósofa francesa.

³ Fala trazida por Giuliano Tierno em aula no curso de pós-graduação que originou esta pesquisa.

Tal valorização dos livros e textos literários contribui com a aquisição da leitura e da escrita pelo viés da Psicogênese da Língua Escrita, concepção desenvolvida pelas pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Significa que a professora entende a criança como ser que pensa e produz hipóteses de escrita durante seu processo de aquisição da leitura e da escrita e que este foi o parâmetro para as escolhas didáticas desenvolvidas ao longo do ano, para que as crianças pudessem aprender a ler e a escrever.

Algumas das práticas que apoiaram o processo de alfabetização das crianças e criaram situações em que elas podiam ler por si mesmas foram: Leitura de textos compartilhados a partir do livro “*Quem canta, seus males espanta*”⁴, os textos selecionados no livro são textos de memória e característicos da cultura da infância, como cantigas e parlendas, a leitura autônoma desse gênero possibilita que as crianças acompanhem as palavras com o dedo, atentando-se para a segmentação e estrutura textual, além de ser um livro produzido com ilustrações de crianças, fazendo com que elas se sentissem afetivamente mais conectadas com o livro; Produções coletivas de listas e sinopses dos livros favoritos das crianças da turma, para indicar às outras, nas produções destes pequenos textos as crianças refletiam sobre a diferença da língua oral e escrita, se apropriaram dos textos construídos juntas e depois eram capazes de ler sozinhas e utilizar esses textos como fonte de informação para produzirem suas próprias escritas.

Ao promover situações de mediação como estas em que as crianças têm a necessidade de buscar por escritas como apoio para escrever outras palavras, a professora assegurou que as crianças não se apoiassem apenas nos sons das letras, mas que conhecessem aspectos ortográficos e padrões da língua escrita de forma reflexiva, problematizadora e recheada de sentido para as crianças.

Por meio das amostras das escritas das crianças disponibilizadas pela professora, pode-se observar o quanto essas situações contribuíram para a aprendizagem da leitura e escrita das crianças, fazendo com que a turma terminasse o ano com 80% das crianças escrevendo com base alfabética, 13,3 silábica-alfabética e 6,7 silábica com pertinência sonora.

Vale salientar ainda o quanto as situações didáticas que foram propostas contribuíram para o aumento da autoestima das crianças, fazendo com que elas se sentissem capazes de ler e escrever, orgulhosas daquilo que estavam produzindo como grupo e enxergando-se como são, segundo Ferreiro e Teberosky (1999, p. 6): um sujeito que procura adquirir

⁴ Livro de Theodora Maria Mendes de Almeida, publicado em 24 de agosto de 2020 pela editora Caramelo.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

conhecimento, e não simplesmente um sujeito disposto ou maldisposto a adquirir uma técnica particular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa pudemos constatar o impacto das relações afetivas entre o professor e seus alunos no desenvolvimento e processo de aprendizagem deles. As crianças observam as ações de seus professores, admiram e recorrem a eles para seu cuidado e quando demonstrarmos que valorizam a literatura, este pode ser o primeiro passo para que elas também valorizem. Como educadores, até mesmo ações corriqueiras do dia a dia podem contribuir com a imagem que passamos às crianças, conversar sobre a literatura com eles, dando nossas opiniões e escutando as opiniões delas sobre os livros, fazendo perguntas interessadas, evitando tons impositivos para que elas não se sintam cobradas, deixando claro nas nossas falas que valorizamos esses momentos com elas, olhando para elas enquanto falam, deixando que terminem de elaborar suas percepções e mostrando que têm a nossa atenção. Como diz Rubem Alves no livro “O amor que acende a lua”:

“A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina.” (Alves, 1999, p. 73)

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007. 61 p. ISBN 978-85-15-01900-7. O amor que acende a lua. 8. ed. São Paulo: Papirus Editora, 1999. 73 p. ISBN 8530805763.

CARRANZA, Marcela. O rinoceronte na sala de aula e a transgressão da linguagem. 1. ed. Publicação online periódica: Cadernos Emília, 2018. 157 p.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Anna. Psicogênese da Língua Escrita. 1. ed. São Paulo: Penso, 1999. 6 p. ISBN 8573075724.

SALAZAR, Náthaly. Mediações de leitura em sala de aula e o livro ilustrado como aliado. Disponível em: [TCC'S Biblioteca d'A casa](#).